



PREENCHIMENTO DO SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL EM RORAINÓPOLIS

THE SUBJECT FILLING IN THE BRAZILIAN PORTUGUESE: AN EXPERIENCE IN A SCHOOL OF RORAINÓPOLIS

Clayson Batista Oliveira¹
Isabella Coutinho²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a manifestação do sujeito expresso na escrita de alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Padre Eugênio Possamai, uma escola pública do município de Rorainópolis, no estado de Roraima. O estudo verifica a variação do preenchimento do sujeito, um fenômeno sintático (parâmetro do sujeito nulo) apontado por Chomsky (1981), e examina se a ascensão do sujeito pleno no PB, apontado por Duarte (1993), pode ser confirmada no âmbito escolar. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo, momento em que foram coletadas atividades orais em sala de aula e, seguida pela transcrição, classificação, quantificação dos dados para proceder a uma análise quantitativa e qualitativa das sentenças coletadas. O trabalho está fundamentado nos estudos de Chomsky (1981), Duarte (1993, 1995), Figueiredo (1996) e Villarinho (2006), dentre outros pesquisadores. Como resultado, podemos observar que, apesar de os resultados apontados desfavorecerem o uso do sujeito pleno no PB em textos escritos, a hipótese de Duarte (1995) não deve ser eliminada. Por outro lado, faz-se necessário um trabalho em sala de aula, com questões que esclareçam aos alunos, por meio de situações reais de comunicação, que as duas opções de marcação da posição de sujeito podem ser válidas no Português Brasileiro.

Palavras-chave: Gramática Gerativa, Sujeito Nulo, Português Brasileiro.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the manifestation of the subject expressed in the writing of students of the 9th grade elementary school, of the State School Father Eugênio Possamai, a public school in the municipality of Rorainópolis, Roraima. The study examines the variation of subject filling, a syntactic phenomenon (parameter of the null subject) pointed out by Chomsky (1981) and examines whether the ascension of the full subject in PB, as pointed out by Duarte (1993) can be confirmed in the school context. On a micro ethnographic basis, the methodology used was the field research, at which time oral activities were collected in the classroom and then the transcription, classification, quantification was done, followed by a quantitative analysis process and qualitative analysis of the sentences under analysis. The work is based on the studies of Chomsky (1981), Duarte (1993, 1995), Figueiredo (1996), Villarinho (2006) among other researchers. As a result, we can point out that, although the results pointed out that they do not favor the use of the full subject in PB, the hypothesis of Duarte (1995) should not be eliminated. On the other hand, it is necessary to work in the classroom with questions that lead to ambiguities by the improper use of the expressed subject.

Keywords: Gerative Grammar, Subject Null, Brazilian Portuguese.

1 Acadêmico do curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima- UERR, Campus Rorainópolis- RR.

2 Linguista. Professora do Curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima.



INTRODUÇÃO

Contemporaneamente, alguns estudos vêm demonstrando certa preocupação acerca da variação do preenchimento do sujeito no Português Brasileiro (DUARTE, 1993; DUARTE et al., 2012; SANTOS, 2014; SOUZA; SACHET, 2008; entre outros). Certamente, apesar de esta ser uma língua que permite o não preenchimento da posição sujeito, ela também pode apresentar o uso do sujeito pleno, assim como o inglês, por exemplo. Por outro lado, percebe-se que o PB³ vem perdendo a predominância do não preenchimento do sujeito com o passar do tempo e se distanciando do PE. Em suma, Duarte (1993) afirma que houve no PB uma redução drástica do uso de nulos, caindo de 75% em 1918 para 25% nos anos 90 do século passado.

Diante da atual conjuntura, é notório que o PB já não pode ser equiparado ao PE, devido ao rompimento de paradigmas (gramática normativa) que estabelecem o Parâmetro do Sujeito nulo. Nesse caso, o que o PB estaria se tornando, uma língua de sujeito pleno como o inglês? Nesse sentido, a partir de observações em uma escola pública do município de Rorainópolis-RR, deduzimos que esse fenômeno pode ser favorecido na escrita dos estudantes, visto que essa modalidade da língua é mais monitorada. A partir disso, buscamos investigar o preenchimento do sujeito na escrita de alunos do ensino fundamental a partir de sentenças topicalizadas, a fim de verificar se a tendência de preenchimento do sujeito apontada por Duarte (1995) poderia ser confirmada no âmbito escolar.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada na disciplina de Pesquisa na Área de Letras II. A aplicação dos dados teóricos na sala de aula foi realizado a partir dos conhecimentos adquiridos por meio de uma

pesquisa de campo feita na escola Estadual Padre Eugênio Possamai, instituição pública estadual de ensino situada no município de Rorainópolis-RR, tendo por sujeitos os alunos da turma do 9º ano do ensino fundamental do programa “Mais Educação”.

O estudo realizado possibilita a construção de uma discussão mais sólida a respeito da instabilidade do preenchimento do sujeito no PB, de modo que haja uma reflexão crítica sobre o fenômeno (parâmetro do sujeito nulo). A investigação propicia ainda uma maior ênfase a respeito do nível de distanciamento entre PB e PE e das atuais condições do PB dentro do contexto social, escolar e acadêmico. Além disso, este estudo contribui para uma maior visibilidade da influência da perspectiva normativa no ensino das escolas públicas do Brasil, ajudando a compreender melhor os aspectos linguísticos no *ethos* escolar.

A pesquisa baseia-se em alguns pressupostos teóricos advindos da Teoria de Princípios e Parâmetros, que fazem parte da fundamentação desenvolvida pela Teoria Gerativista (CHOMSKY, 1981), que implica na possibilidade de uma língua apresentar ou não pronomes nulos na posição de sujeito. Além disso, são usadas como embasamento pesquisas como as de Duarte (1993), Figueiredo (1996), Rizzi (1988), Santos (2009), Villarinho (2006), entre outros autores que serviram de fundamento teórico para o desenvolvimento da pesquisa.

A metodologia utilizada para alcançarmos nossos objetivos foi a pesquisa de campo, momento em que foram realizadas atividades orais em sala de aula. Em seguida fez-se a classificação e quantificação das sentenças analisadas. A investigação das amostras possibilitou um prognóstico das duas hipóteses, que preveem padrões diferentes de preenchimento: enquanto Duarte (1993)

3 PB: Português Brasileiro; PE: Português Europeu.



considera que o falante optaria pelo sujeito pleno, independentemente do contexto, para Figueiredo (1996) a frase seria preenchida com um sujeito nulo.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: primeiro, são apresentadas algumas considerações teóricas referentes ao preenchimento do sujeito, em seguida os detalhes metodológicos utilizados na pesquisa, depois apresentamos as discussões e os resultados da coleta de dados e, por fim, são feitas as considerações finais a respeito do estudo realizado.

VARIAÇÃO DO PREENCHIMENTO DO SUJEITO

A variação do preenchimento do sujeito se configura como um dos parâmetros dissertados na literatura gerativa (CHOMSKY, 1981). De acordo com Mendonça (2015), essa teoria afirma que as línguas seriam constituídas de Princípios universais e Parâmetros. Os Princípios são aspectos gerais, comuns a todas as línguas e instintivos aos seres humanos. Já os Parâmetros são características particulares específicas a cada língua, inseridas no período de aquisição, como detalhamento dos Princípios. Entretanto o parâmetro estudado aqui implica na possibilidade de uma língua apresentar ou não pronomes nulos na posição de sujeito. Neste sentido, Villarinho (2006), acrescenta que:

(...) esses Parâmetros são segmentos dos Princípios, que podem ser marcados de duas formas: positiva ou negativamente (dependendo da língua). Dessa maneira, “se há um Princípio X, ele poderia ser marcado como X+ ou X-. A junção de diferentes marcações paramétricas cria combinações ímpares que configura a característica individual de cada língua. (VILLARINHO 2006, p. 04)

Segundo Villarinho (2006), dentro desse paradigma, para saber se uma língua é diferente de outra, basta detectar apenas um parâmetro, dentro de um agrupamento de paradigmas que formam cada língua com

marcações diferentes. Assim, seria possível dividir as línguas existentes conforme o tipo de realização de cada parâmetro (sujeito nulo e sujeito pleno).

O SUJEITO PLENO

Conforme os pressupostos apresentados por Villarinho (2006), o parâmetro do sujeito nulo pode possibilitar que uma língua apresente ou não pronomes nulos na posição do sujeito, como é o caso do PB. E, em consonância com esse paradigma, é possível dizer ainda que há dois tipos de língua: as de sujeito pleno, que não permitem uma categoria vazia na posição de sujeito, e as de sujeito nulo, que podem apresentar o preenchimento da lacuna. No inglês, por exemplo, os falantes necessitam obrigatoriamente preencher todos os sujeitos pronominais, independentemente do tipo de verbo que acompanham ou das condições em que apareçam. Perceba-se no exemplo a seguir, dado por Villarinho (2006, p. 05):

Quadro 01- Paradigma Flexional do Inglês

Inglês	
I	Love
You	Love
He/She/It	Loves
We	Love
You	Love
I	Love

Fonte: Villarinho, 2006, p. 05

De acordo com o exposto acima, a autora afirma que essa língua possui apenas dois meios para identificar a relação entre o sujeito e o verbo, alterando exclusivamente apenas a terceira pessoa do singular. Desse modo, torna-se inviável para o falante identificar em uma sentença como __ Love hot dog. Perceba! Haveria como identificar o



sujeito da sentença? Na acepção de Villarinho (2006, p. 05), “a sentença seria agramatical, já que, mesmo que, houvesse algum esforço por parte do falante, tornar-se-ia inviável a compreensão do enunciado, dentro de um contexto”. Nesse caso, a sentença não faria parte da gramática de sua língua, já que essas línguas identificam o nulo através das desinências, pois não aceita-se a omissão do sujeito.

Todavia, a autora salienta que há ocorrências de nulos nessas línguas, mas apenas em situações particulares. O exemplo disso é o Inglês coloquial, em casos como em notas, telegramas, e-mail, aplicativos de mensagens e em diary drop. Verifique em um trecho desses exemplos citados por Villarinho (2006, p. 05): “(...) Ø Woke up, Ø fell out of bed, Ø Dragged a comb across my head, Ø Found my way downstairs and Ø drank a cup (...) (Trecho retirado da música Day in Life, The Beatles)”. Nesse contexto, Villarinho (2006) destaca o preenchimento do sujeito em casos isolados do Inglês, uma situação atípica da língua.

O SUJEITO PLENO

Seguindo outro paradigma teórico, Rizzi (1988) afirma que em línguas de sujeito nulo a realização fonética do sujeito se torna redundante, visto que a desinência já se encarrega da distinção entre as pessoas verbais, o que ocasiona uma falta de necessidade do pronome. Por outro lado, sabe-se que no inglês a realização fonética do pronome é fundamental para que se realize a distinção entre as pessoas verbais, pois as desinências nestas línguas não são suficientes para distingui-las, sendo assim, não há um acúmulo de informações desnecessárias. Dessa forma, segundo o autor, uma língua como o PE opta pelo preenchimento do sujeito pronominal apenas para expressar ênfase ou contraste, já que nesses casos não há outra opção senão o preenchimento do mesmo.

Segundo Villarinho (2006, p. 04), “línguas como o Português europeu, o Espanhol e o Italiano são capazes de identificar os seus sujeitos nulos com base nas desinências verbais.” A autora pressupõe que isso é possível devido ao fato de essas línguas possuírem um paradigma flexional diversificado, em que cada pessoa do singular e do plural possui uma flexão verbal específica, como pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 02 - Paradigmas Flexionais do PE

Português Europeu	Espanhol		
Eu	Amo	Yo	Amo
Tu	Amas	Tu	Amas
Ele	Ama	El/ Ella	Ama
Nós	Amamos	Nosotros	Amamos
Vocês	Amam	Vosotros	Amáis
Eles	Amam	Elles	Aman

Fonte: Villarinho, 2006, p. 04

Essas línguas possuem seis formas para marcar a relação entre o sujeito e o verbo, variando nas três primeiras pessoas do singular e também nas três pessoas do plural. Dessa maneira, torna-se possível para o falante identificar o sujeito através da terminação do verbo em uma sentença como — queremos estudar. Villarinho (2006) explica que essa sentença é gramatical, pois não há esforço por parte do falante para que se consiga entender o significado da sentença e tampouco identificar quem quer estudar (nós, que é identificado através da terminação -mos). Entretanto, Villarinho (2006) ressalta que há casos de destaque ou contraste em que o sujeito preenchido é aplicado como recurso expressivo, se a desinência do verbo ou o contexto puder identificar a que pessoa do discurso está fazendo referência.



O PREENCHIMENTO DO SUJEITO NO PB

O português brasileiro, por ser uma língua que advém do PE e pactua com acordos políticos entre países que falam a língua portuguesa, apresenta em sua gramática normativa praticamente os mesmos princípios do PE, por isso, durante muito tempo o PB mostrou em sua escrita certa predominância pelo não preenchimento do sujeito. Entretanto, no final do século XX, diversos estudos realizados com o objetivo de identificar as diferenças sintáticas entre o Português brasileiro e o Português Europeu (DUARTE, 1993, 1995; KATO, NEGÃO, 2000; entre outros) vêm certificando alterações com relação à preferência de preenchimento do sujeito no PB. De uma língua preferencialmente de sujeito nulo, o PB passou a demonstrar uma predileção significativa pela utilização de plenos.

Segundo Duarte (1993, 1995), houve um declínio expressivo do uso de nulos no PB no decorrer do século XX. A partir de estudos constituídos de peças teatrais de caráter popular em diferentes momentos históricos, constatou-se que, no período em que predominava o primeiro paradigma, o índice de sujeitos nulos chegava a cerca de 75% em 1918. Num segundo momento, aproximadamente nos anos 30, em que as 2ª pessoas diretas (Tú e Vós), foram desaparecendo devido à ascensão das indiretas (Você e Vocês), o percentual de nulos passou, então, a ocupar a casa dos 50%. Por fim, na década de 70, com o emprego do pronome a gente, o percentual de nulos declinou, chegando aos 25% nos anos 90 do século passado. Vejamos o exemplo citado por Villarinho (2006, p. 6).

Quadro 03 - Evolução dos Paradigmas Flexionais do PB do século XIX ao século XX

Português Brasileiro			
Eu	Amo	Eu	Amo
Tu	Amas	-----	-----
Você	Ama	Você	Ama
Ele	Ama	Ele	Ama
Nós	Amamos	A gente	Ama
Vós	Amais	-----	-----
Vocês	Amam	Vocês	Amam
Eles	Amam	Eles	Amam

Fonte: Villarinho, 2006, p. 06

De acordo com o quadro de Villarinho (2006) exposto acima, percebe-se que o PB passa a distanciar-se do PE e aproximar-se mais do Inglês, no que se refere à relação entre o sujeito e o verbo. Esse fato, segundo a autora, deve-se à ascensão do uso das 2ª pessoas indiretas e da 1ª pessoa do plural indireta, apontada por Duarte (1995). Nota-se que a forma de marcar a correlação com o sujeito passa a ser mais específica, contrastando com a frequência de variação do preenchimento do sujeito.

Duarte (1995) Verificou em um de seus estudos que, com a substituição da 2ª pessoa direta do singular pela 2ª indireta, a 3ª pessoas do singular, a correlação entre os sujeitos passam a ser idênticas, da mesma forma que acontece com a 1ª pessoa do plural. Desse modo, torna-se impossível para o falante identificar em uma sentença como: ___ gosta de futebol. Seria possível identificar o sujeito da sentença? Aqui, Duarte (1995) destaca que, nesses casos, há uma necessidade de preenchimento do sujeito, pois o falante precisa de um esforço para conseguir que se entenda o significado do enunciado em um determinado contexto.

Diante da situação exposta por Villarinho



(2006, p. 6), a autora afirma que “o PB, passa a se opor às línguas de sujeito nulo, pois já não é mais possível identificar o nulo apenas através das desinências, deixando de aceitar a anulação do sujeito.” Todavia, ela salienta que apesar de as taxas de sujeito nulo encontradas no PB atualmente não serem tão baixas quanto as que seriam observadas em uma língua de sujeito pleno, como o Inglês, está claro que ele vem deixando de ser uma língua de sujeito nulo, como o PE. Porém, se ainda existem esses nulos no PB. Sendo assim, nos cabe o seguinte questionamento: Em que paradigma o PB estaria enquadrado? E em uma instância mais específica, o português falado em Rorainópolis se encaixaria nessa descrição?

PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA LÍNGUA DE SUJEITO PLENO OU NULO?

Para responder a essa questão, faz-se necessário que adentremos em duas hipóteses que tentam explicar o questionamento. A primeira consiste em descrições formuladas por Duarte (1995), que consideram que há poucos nulos em PB. Desse modo, segundo a autora, a língua estaria se tornado uma de sujeito pleno, como o Inglês, e a manutenção dos nulos ainda hoje na língua se deve apenas a um contato da gramática atual com a gramática antiga, estando, portanto, em um processo de transição, visto que pessoas com mais idade são as que usam o paradigma flexional mais diversificado e as pessoas mais jovens usam apenas três formas flexionais (DUARTE, 1995).

A autora considera ainda que a utilização de nulos se deve também, em parte, ao processo de escolarização, que transmite a concepção de que o uso de pronomes plenos em vários contextos é inadequado devido os princípios estabelecidos nas gramáticas tradicionais. Dessa forma, na aceção de

Duarte (1995) os nulos ainda existem no PB devido às restrições normativas e são identificados por uma categoria vazia que tende a desaparecer com o passar do tempo.

Em contrapartida, temos a segunda hipótese, que considera que os nulos do PB dissociam-se do PE (FIGUEIREDO, 1996) Para ela, esses nulos existem pois a estrutura da língua torna viável sua identificação através de outros mecanismos que não as desinências verbais. Assim, o contexto desempenharia o papel de identificador e licenciaria os nulos, que, segundo essa hipótese, ocorreriam em maior quantidade e em contextos menos restritos que na hipótese defendida por Duarte (1995). Para Figueiredo (1996), o PB seria sim uma língua de sujeito nulo, mas seu mecanismo de identificação teria se modificado, haja vista que a gramática da língua, não estaria em processo de mudança, e assim, seria uma gramática estável.

Em conformidade com o pressuposto, Santos (2009), considera que o sujeito nulo é utilizado em contextos em que o referente é esperado ou mantido, ou seja, em situações em que não existem elementos que possam gerar ambiguidades na compreensão do referente. Os resultados da autora demonstram que, embora haja uma predisposição ao preenchimento do sujeito pronominal de 3ª pessoa, há contextos linguísticos que favorecem para a ativação do sujeito nulo como, por exemplo, em situações em que o referente possui uma estrutura anterior sintaticamente acessível:

O PB tem um comportamento atípico das línguas e que, se ainda não é uma língua negativamente marcada em relação ao parâmetro do Sujeito Nulo, tampouco é uma língua positivamente marcada em relação a ele. E se a tendência ao preenchimento do sujeito, por um lado, é confirmada, por outro, há ainda a realização do sujeito nulo, o que sugere a manifestação de um tipo particular de língua pro-drop, em que a categoria vazia é licenciada em um sistema diferente das línguas de sujeito nulo. (SANTOS, 2009, p. 94-95).



Com base nos conceitos teóricos e métodos das autoras, procuramos dados que proovessem exemplos de sujeitos pronominais nulos e preenchidos e os encaixamos na variação do preenchimento do sujeito (CHOMSKY, 1981). Este trabalho traz as mesmas características no sentido de apresentarem possibilidades em relação ao fenômeno linguístico apresentado, considerando o mesmo contexto sintático. A partir da distribuição de sujeitos nulos e expressos nas sentenças preenchidas pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental, como será mostrado na seção seguinte, foi possível verificar se a tendência do preenchimento do sujeito (DUARTE, 1993) é confirmada no âmbito da escolar, tendo em vista que a escola adota uma postura normativa, ensinando o sujeito oculto como opção matriz.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa apresentada foi realizada com a intenção de confrontar as duas hipóteses, a primeira seria de que o PB está se tornando uma língua de sujeito pleno (DUARTE, 1995) e a outra que, o PB seria sim uma língua de sujeito nulo, mas seu mecanismo de identificação teria se modificado (FIGUEIREDO, 1996). Sendo assim, verificamos qual das hipóteses poderia explicar melhor os dados obtidos a partir de experimentos já utilizados em outras pesquisas (DIAS, 2008; MENDONÇA, 2015; VILLARINHO, 2006) Certamente, foi necessário explorar nosso objeto de estudo (o fenômeno “parâmetro do sujeito nulo”) a partir de sentenças que possuem elementos topicalizados, para uma maior aproximação do objeto ainda pouco explorado pela comunidade sociolinguística.

A pesquisa foi realizada com 30 alunos do 9º ano do ensino fundamental, com a idade média de 13 a 15 anos, da Escola Estadual Padre Eugênio Possamai, localizado na Rua Pedro Daniel da Silva,

SN, Cidade Nova, no município de Rorainópolis – Roraima. Essa escola da rede Pública possui 827 alunos em Ensino Fundamental II e EJA, com uma nota média de 4.25 no IDEB e está enquadrada dentro dos requisitos do programa Mais Educação (Programa do Ministério da Educação). Esse Programa faz parte de uma estratégia do Ministério da Educação que tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, otimizando o tempo de permanência dos estudantes na escola.

Já coleta dos dados se deu da seguinte forma: Primeiramente foi realizada observação em sala de aula, durante uma mediação de aprendizagem pelo Programa Mais Educação. Em seguida foi proposta uma atividade para cada aluno: foi entregue uma pequena ficha contendo 06 frases que deveriam ser completadas com a primeira ideia em que imaginasse. As sentenças possuíam elementos topicalizados, um tipo de estrutura sobre a qual as hipóteses fizessem previsões diferentes, com dois tipos de sentenças: as que foram chamadas de “X*” e eram formadas pelo tópico e dois sintagmas nominais (SN1 e SN2), como em Tipo 01 e, as que foram chamadas de “Y*” e eram formadas pelo tópico e um Sintagma Nominal (SN1) como em Tipo 02, conforme os exemplos abaixo:

(X) Tipo 01: “Tópico, SN1 verbo SN2 que...”.

Ex: Esse ônibus, a Beatriz não sabe se _____.

(Y) Tipo 02: “Tópico, SN1 verbo que...”.

Ex: Esse livro, eu sempre achei que _____.

As sentenças denominadas X, seriam as que apresentassem estruturas agramaticais em relação ao PB, isso se o tópico fosse



retomado com sujeito pleno, visto a quantidade de elementos existentes entre o sujeito da sentença subordinada e o tópico a que deveria se referir. Assim, ambas as hipóteses testadas esperava-se que os informantes necessariamente retomariam o tópico com um sujeito pleno. Entretanto, caso o sujeito da subordinada correspondesse a um dos sintagmas nominais que não equivale ao tópico, Duarte (1993) pressupõe que o sujeito seria expresso (pleno), e Figueiredo (1996), por sua vez, considera que os informantes não o preencheriam com o pronome.

As sentenças Y, por sua vez, estariam relacionadas às que possuem uma estrutura comum ao PB. Nesse caso, Duarte prevê que os sujeitos que retomam o tópico serão sempre plenos, salvo se o tópico for inanimado, pois de acordo com a autora, esse segundo tópico, ainda seria um contexto de resistência ao pleno. Por outro lado, Figueiredo (1996) acredita que haveria uma preferência pelo nulo, independentemente da dinâmica do tópico, já que o contexto antecedente estaria licenciando o preenchimento do sujeito. E por isso, foram escolhidas as sentenças que possuem elementos topicalizados. Conforme os exemplos sintetizados no quadro abaixo:

Quadro 04 - Exposição das sentenças topicalizadas segundo as hipóteses

	Preenchimento do sujeito conforme hipótese de Duarte (1995)	Preenchimento do sujeito conforme hipótese de Figueiredo Silva (1996)
Exemplos testados	(1) Esse livro, eu sempre achei que- _____.	(2) Esse ônibus, a Beatriz não sabe se_____.
Possíveis respostas	(1) Esse livro, eu sempre achei que ele era bom.	(2) Esse ônibus, a Beatriz não sabe se passa perto da vicinal 42.

Fonte: pesquisador, 2019

Duarte (1995) consideraria que a opção (1), para o falante seria o sujeito pleno, independentemente do contexto. Já Figueiredo Silva (1996) contrapõe a afirmação, pois para ela a frase seria preenchida com um sujeito nulo, como em

(2), já que esse seria um contexto de resistência ao pleno.

A aplicação do teste se deu com 30 alunos de idade de 13 a 15 anos. Para a aplicação da tarefa foi delimitamos alguns critérios que deveriam ser seguidos pelos alunos: respeitar o tempo de explanação equivalente a 10 minutos, e não serem interrompidos durante a atividade. Para incentivar os estudantes a participar da atividade, atribuímos uma nota de participação, assim, todos desenvolveram o teste proposto. Dessa forma, obtivemos um conjunto de 180 amostras do fenômeno sintático que foram analisadas levando em consideração que a escola é um ambiente formal, onde se realizam as atividades escolares e se pressupõe a utilização da norma culta da língua em sala de aula, especialmente em eventos de letramento, para o qual se exige o emprego de uma linguagem mais monitorada.

Para a análise, consideramos os seguintes critérios: o falante faz referência ao tópico? O sujeito da oração subordinada corresponde a um dos sintagmas nominais que não equivalem ao tópico? A opção para o falante foi o sujeito pleno ou nulo?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As lacunas preenchidas pelos informantes foram classificadas, quantificadas e passaram por um processo de análise quantitativa e qualitativa. De acordo com o



levantamento do corpus foram registradas 180 ocorrências do fenômeno sintático distribuídos da seguinte maneira:

Quadro 05 - Exposição dos resultados do preenchimento das sentenças topicalizadas

Distribuição das ocorrências do fenômeno	
Nulos	130 ocorrências
Plenos	50 ocorrências
Tópico 01	90 ocorrências
Tópico 02	90 ocorrências
Tópico 01 para nulos	65 ocorrências
Tópico 01 para plenos	25 ocorrências
Tópico 02 para nulos	65 ocorrências
Tópico 02 para plenos	25 ocorrências

Fonte: Pesquisador, 2019

Entre as 180 ocorrências do fenômeno em análise, foi feita a distribuição dos dados em sentenças topicalizadas (tópico 01 e tópico 02), onde as sentenças de tópico 01 totalizaram 90 amostras e as de tópico 02 somaram 90 amostras. Ainda foi feito a distribuição por tipos de sujeito entre as sentenças topicalizadas, onde as sentenças de tópico 01 somaram 65 ocorrências de sujeito nulo e 25 ocorrências de sujeitos plenos e, as sentenças de tópico 02 apresentaram 65 ocorrências de sujeito nulo e 25 ocorrências de sujeitos plenos.

Apresentação da amostra da Aluna A

01. (X) Esse livro, eu sempre achei que ele era legal.
02. (Y) Esse ônibus, a beatriz não sabe se ele vai pela rua da casa dela.
03. (X) Esse jogo, eu não gosto porque não sei jogar.
04. (Y) Em minha escola, o Roberto sempre pede que a professora deixe ele ir ao banheiro.

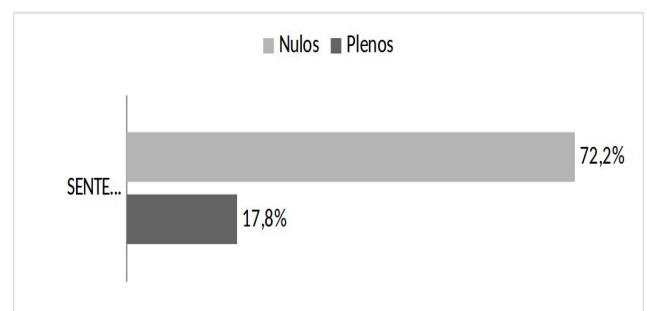
Apresentação da amostra da Aluna B

01. (X) Esse livro, eu sempre achei que era muito bom.
02. (Y) Esse ônibus, a beatriz não sabe se iria chegar a tempo.
03. (X) Esse jogo, eu não gosto porque não é chato.
04. (Y) Em minha escola, o Roberto sempre pede que explique de novo.

A investigação das amostras possibilitou um prognóstico das duas hipóteses, que preveem padrões diferentes de preenchimento pelos informantes que após serem transcritas, classificadas e quantificadas, passaram por um processo de análise quantitativa e qualitativa. Na primeira hipótese, Duarte considera que o falante optaria pelo sujeito pleno, independentemente do contexto, Já noutra, Figueiredo contrapõe a afirmação, pois para ela a frase seria preenchida com um sujeito nulo.

As sentenças possuíam elementos topicalizados, um tipo de estrutura sobre a qual as hipóteses fizessem previsões distintas, com dois tipos de sentenças: as que foram chamadas de “X” e eram formadas pelo tópico mais dois sintagmas nominais, como em (1X); e, as que foram chamadas de “Y” e eram formadas pelo tópico mais um Sintagma Nominal como em (2Y). Observem nos resultados abaixo quais conclusões chegamos:

Gráfico 1 - Percentual de preferência do sujeito



Fonte: Pesquisador, 2019

A distribuição do número de sujeitos nulos e sujeitos realizados nas lacunas das sentenças textos dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental totalizaram 130 ocorrências para nulos e 50 para plenos (72,2% contra 17,8% de preenchimento). A partir do levantamento entre sujeitos validos e nulos dentro das produções textuais dos estudantes da escola em questão, 72,2% do resultado favoreceu o preenchimento do



sujeito. Percebe-se que apesar de haver uma variação do preenchimento do sujeito no PB, a hipótese formulada por Duarte (1993) de que a distribuição de sujeitos plenos é maior que a de sujeito nulo não condiz com a realidade da escrita dos alunos de 9º ano do ensino fundamental da escola pública em questão.

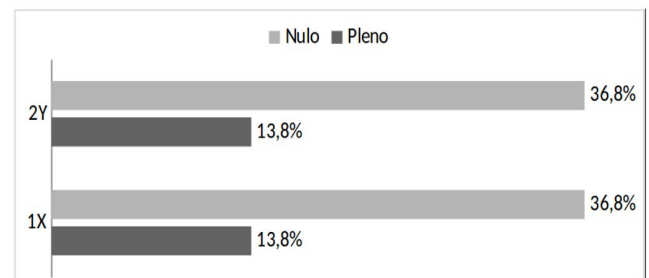
Por outro lado, percebemos que há um percentual considerável de sujeitos plenos na realização da atividade proposta, aliás, foram 17,8% o total de ocorrências de sujeitos expressos registrados das sentenças preenchidas pelos alunos. Tal situação pode está ligado ao fato da escola ser um ambiente que exige o emprego de uma linguagem mais monitorada. Porém não é possível afirmar que há uma tendência ao não preenchimento do sujeito no âmbito escolar. Tal situação contradiz a afirmação de que as novas gerações estariam optando pelo uso de sujeito expreso (DUARTE, 1995), pois de acordo com os dados obtidos nesta pesquisa percebe-se que essa atual geração ainda opta pelo preenchimento do sujeito.

Considerando a pesquisa de Souza (2010) que investigou a distribuição do número de sujeitos nulos e sujeitos ativos em textos escritos de alunos do ensino fundamental de uma instituição pública de ensino do município de Florianópolis e descobriu que os pronomes que mais evidenciam o sujeito preenchido foram os que fazem concordância de 3ª pessoa (a gente, você/ vocês e ele(a)/ eles(as)), o nosso estudo revelou a partir das sentenças expostas que há uma menor possibilidade de uso do sujeito expreso, com quantidade de 50 a 130, respectivamente. Na acepção de Souza (2010), o maior rol de preenchimento do sujeito na 3ª pessoa está ligado a necessidade de obstruir o pronome para evitar ambiguidade, tendo em vista a necessidade de recuperar o referente por meio de elementos de concordância, nesse caso, por

desinências não distintivas.

Duarte (1993), ao investigar a utilização de sujeitos em sete peças de teatro populares escritas no período de 1845 a 1992, verificou uma redução na utilização de sujeitos nulos, e atribuiu o aumento da utilização de sujeitos plenos a uma impossibilidade de se identificar os nulos pelas desinências verbais, uma vez que houve, em decorrência de alterações no sistema pronominal, uma mudança no paradigma flexional do PB. Entretanto evidenciamos em nossa pesquisa certa preferência pelo preenchimento do sujeito a partir da distribuição do número de sujeitos nas sentenças topicalizadas preenchidas pelos estudantes. Veja o gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Percentual de Nulos e Plenos em Tópico X Não Tópico



Fonte: Pesquisador, 2019

A preferência pela retomada do SN como nulo parece favorecer a hipótese de Figueiredo (1996), já que, estando mais próximos do verbo, seria natural para os falantes que um dos SNs fosse retomado, o que licenciaria o nulo, pois não há nenhuma barreira entre o sujeito e o contexto antecedente (o SN). Os resultados obtidos nas estruturas dos Tópicos 01 e 02 (1X e 2Y) também parecem favorecer a hipótese de Figueiredo Silva (1996), pois, conforme visto, a escolha dos alunos se deu em maior proporção pelo preenchimento do sujeito, equivalendo a 36,8% dos dados obtidos, tanto na estrutura (1X), quanto na estrutura (2Y), caso contrário à hipótese de Duarte (1995), que esperaria uma preferência pelo



nulo nas sentenças de Tópico 01, estrutura (1X).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada aqui, obtida através de experiências controladas (uma prática bastante vantajosa, porém ainda pouco utilizada nos estudos linguísticos dessa área) buscou contribuir com informações resultantes de um corpus para que a investigação da atual conjuntura de nossa língua, acerca da ascensão do preenchimento do sujeito no PB seja fortalecida, tendo em vista que esta é uma situação pouco observada no PB. A “tendência ao sujeito pleno”, conforme foi observado por Duarte (1995), a pesar de não ter sido confirmada em nossa pesquisa, pode ser considerada uma forte indicação para constatar a hipótese de que o PB esteja se tornando uma língua dissemelhante do PE. Embora haja dúvidas do tipo de língua que essa língua se tenha tornado: uma língua de sujeito pleno, como o Inglês, ou uma língua de sujeitos nulos licenciados pelo contexto, como o espanhol e o italiano, esse estudo já aponta para uma direção.

O principal objetivo desse estudo foi fornecer dados que pudessem contribuir no esclarecimento dessa questão. Como nota-se na seção 03, a hipótese de Figueiredo (1996) considera que as categorias vazias no PB são licenciadas pelo contexto, e isso, parece ser mais apropriado para explicar os resultados alcançados. Tal situação implica em dizer que o PB já está sofrendo uma alteração paramétrica, não necessariamente no Parâmetro do Sujeito Nulo, mas em relação aos procedimentos de licenciamento de nulos, que deixaram de ser unidos às desinências e passaram a compor-se com a informação fornecida pelo contexto.

Entretanto é válido frisar que, apesar de os resultados apontados demonstrarem que ainda há uma predominância dos nulos no PB, a hipótese de Duarte (1995) não deve ser

descartada. Nessa pesquisa, apenas uma estrutura foi analisada, e há ainda outros tipos de sentenças que podem ser investigadas, podendo evidenciar novos resultados para essa discussão. Ademais, percebemos que o não preenchimento do sujeito ainda pode não ser uma opção natural na escrita de estudantes do ensino fundamental, já que a escola é um espaço de normatização e controle, o que pode motivar os agentes da pesquisa a ser influenciados pelo Ethos.

Outa questão que nos chamou a atenção foi que o sujeito expreso foi empregado em contextos linguísticos em que pode propiciar ambiguidade na compreensão do referente como, por exemplo, em situações em que a flexão verbal de 3ª pessoa aparece. Portanto, faz-se necessário desenvolver um trabalho em sala de aula com questões relacionadas às ambiguidades geradas pelo uso indevido do sujeito expreso. Isto é, o professor deve demonstrar a seus alunos, por meio de situações reais de comunicação, que as duas opções de marcação da posição de sujeito são válidas no sistema linguístico do português, demonstrando, porém, que determinados contextos exigem o uso do sujeito pleno.

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.
- _____. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- DUARTE, M. E. L. **Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil**. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: EdUNICAMP, 1993. p. 107-128.
- _____. **A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.
- FIGUEIREDO SILVA, M. **A posição sujeito no Português Brasileiro – frases finitas e**



infinitivas. Campinas: EdUNICAMP, 1996.

KATO, M., NEGÃO, E. (Eds.) **“Brazilian Portuguese and the null subject parameter”**. Madrid : Iberoamericana, 2000.

RIZZI, L. **The new comparative syntax: principles and parameters of Universal Grammar.** Foris Publications, Dordecht, 1988.

SANTOS, A. M. B. **O sujeito pronominal de 3ª pessoa no português culto do Rio de Janeiro: um estudo em tempo real.** D.E.L.T.A., 25:1, (67-97), 2009.

SANTOS, R. L. A. **Um estudo variacionista sobre o preenchimento da posição do sujeito em dados de fala.** Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas. v. 1. 2014.

SOUZA, C. M. N., SANCHET, P. F. **Um estudo sobre o preenchimento do sujeito pronominal na fala e na escrita de jovens de Florianópolis.** Ananas do CELSO, 2008.

VILLARINHO, C. N. G. **Sujeito Nulo no Português Brasileiro: Elementos Para Sua Análise a Partir de Situações Experimentais.**

Disponível em:

http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro02/LTAA02_a06.pdf. Acesso em 20 de novembro de 2018.